

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A FLEXÃO EM NÚMERO DAS ESTRUTURAS N1N2 EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO\*

JITKA FROYDOVÁ

Universidade Carolina de Praga

### SOME OBSERVATIONS ON NUMBER INFLECTION OF N1N2 STRUCTURES IN CONTEMPORARY PORTUGUESE

This paper deals with structures consisting of two side-by-side substantives (N1N2) that are not connected with a preposition (e.g. *palavra-chave*; *estados membros*) in contemporary Portuguese. There are various conceptions of these structures; authors usually attempt to define the compound noun in order to distinguish it from simple nominal groups and then to create a typology and classification of these structures.

This study is focused on the realization of plural forms of N1N2 structures from the statistical and descriptive point of view. These can be formed mainly as follows: 1. both nouns receive the mark of plural (e.g. *estados membros*); 2. only the first noun receives the plural (e.g. *palavras-chave*). The examples provided by the Reference Corpus of Contemporary Portuguese (CRPC) show that it is necessary to consider not *only* the number of unique tokens but also their frequency. Considering the occurrence of the most frequent tokens, it is possible to state that the structures featuring a plural marker on N1 only are more common in contemporary Portuguese. The abovementioned results show that any kind of linguistic analysis should consider the language corpus with *all* the options of research it provides.

**Key words:** Portuguese – language corpus – N1N2 structures – compound nouns – plural

**Palavras-chave:** português – corpus linguístico – estruturas N1N2 – palavras compostas – plural

## 1. Introdução

O presente trabalho pretende contribuir para o estudo das estruturas N1N2<sup>1</sup> em português contemporâneo, ou seja, para o estudo das estruturas em que se encontram dois substantivos em justaposição (sem ou com hífen). Cf. as expressões *palavra-chave*; *anos-luz*; *países membros*.

\* Este artigo faz parte do projeto “Programa de desenvolvimento dos ramos de ciência na Universidade Carolina Nº P10 – Linguística, subprograma – Línguas Românicas à luz dos corpus linguísticos”.

<sup>1</sup> A definição de “N1N2” segue mais abaixo.

O nosso objectivo é apresentar diversas concepções de estruturas N1N2 e mostrar que qualquer tipo de análise linguística deverá tomar em consideração a existência do corpus linguístico da respectiva língua.

Na primeira parte do trabalho apresentaremos os pontos de vista de diferentes linguistas.

Em seguida, tentaremos analisar os dados recolhidos do Corpus de Referência do Português Contemporâneo acessível na Internet para mostrar as possibilidades do uso do corpus para o estudo dum fenómeno linguístico. A análise abordará a questão da formação do plural das estruturas compostas mencionadas e baseia-se nos exemplos fornecidos pela versão electrónica do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC).

Além de comprovar a importância do uso dum corpus linguístico, a análise contribuirá para o estudo da formação das formas plurais das estruturas N1N2 no sentido de indicar uma tendência quanto à formação do plural das estruturas N1N2.<sup>2</sup>

As sequências vocabulares constituídas por nome e nome em justaposição (N1N2) são bastante frequentes em português. Os dois nomes aparecem separados por hífen (cf. *estados-membros*; *situações-limite*), mas também há estruturas sem hífen ou sem outra marca de ligação dos nomes constituintes (cf. *cidade berço*; *países membros*).

Existem várias concepções linguísticas que tratam a matéria das sequências N1N2. Em geral, as N1N2 costumam ser compreendidas como palavras compostas ou como grupos nominais livres. Os linguistas geralmente tentam distinguir estes dois grupos e propõem diferentes critérios de classificação e tipologia.

Além disso, fala-se também das estruturas N1N2 no contexto da conversão. No caso das N1N2, estuda-se o processo da passagem de N2 da classe dos substantivos para a classe dos adjetivos.

## **2. Sobre as estruturas N1N2**

### **2.1 Definições da palavra composta**

Como definir a palavra composta? Qual é a diferença entre uma palavra composta e uma locução nominal livre? A resposta a estas perguntas aparentemente banais é bastante complicada e não pode ser tratada de maneira exaustiva no âmbito deste trabalho. Por exemplo, Rocha afirma que "(...) a definição de nome composto é tão diversificada, variando de autor para autor, que a barreira entre o que é nome composto o que não o é não é nítida." (Rocha 1999: 2).

Além disso parece que alguns dos autores portugueses consideram a questão das estruturas N1N2 insuficientemente tratada: "A descrição dos compostos apresentada pela gramática tradicional portuguesa não é particularmente interessante: por um lado, sob um peso excessivo de atenção aos pormenores de deriva semântica, não encontra uma definição fiável para este tipo de unidades morfológicas, nem identifica as estruturas que as caracterizam, por outro, estabelece categorias de natureza diacrónica, que, por equívoco, utiliza para tentar dar conta de distinções formais (sincrónicas)." (Villalva 1994: 341)

<sup>2</sup> Estamos conscientes de que a nossa análise se encontra limitada pelo número das expressões estudadas e sendo o objectivo do presente estudo diferente, a análise só indicará uma tendência quanto à formação do plural das expressões N1N2. Não pretende ser um estudo exaustivo deste processo.

Por isso, escolhemos algumas concepções linguísticas, na sua grande maioria de autores portugueses, para fazer uma introdução rápida à problemática das estruturas N1N2 em português. Basicamente, podem-se distinguir dois grupos de teorias ligadas aos compostos e às suas delimitações.

Os linguistas do primeiro grupo, cf. Darmesteter; Said Ali; Cunha – Cintra, caracterizam os compostos semanticamente, através da noção duma imagem única. Segundo estes autores, desaparece o sentido de cada um dos elementos para criar um sentido novo do composto. O sentido assim criado não é dedutível a partir dos sentidos dos elementos que formam a palavra composta.

“(…) le déterminant et le déterminé disparaissent pour faire place à une seule image.”<sup>3</sup> (Darmesteter 1894: 12)

“(…) a palavra composta representa sempre uma ideia única e autónoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta; *pé-de-galinha* o de uma ruma no canto dos olhos.” (Cunha – Cintra 2002: 77)

Os linguistas que incluímos no segundo grupo, por exemplo Gross; Vilela; Villalva; Rocha; Baptista, rejeitam a noção de imagem ou ideia única caracterizando-a como deficitária.

Por exemplo, G. Gross mostra que mesmo num nome não composto podem estar presentes várias imagens e ideias: “La définition par l’idée unique est très difficile à manipuler, même dans le cas de noms simples, c’est-à-dire de ceux qui ne comportent pas de blanc.”<sup>4</sup> (Gross 1988: 59).

Rocha (1999), por sua vez, admite que há estruturas compostas, como *palavra-chave*, que não permitem deduzir o sentido do composto a partir do sentido dos componentes. Por outro lado, mostra que existem expressões N1N2 cujo sentido é facilmente dedutível a partir do sentido dos membros, por exemplo *mapa-mundo* (Rocha 1999: 2). A mesma autora nem concorda com a noção de imagem única: “(…) em *palavra-chave*, está-se igualmente longe da noção de «ideia única» porque aquela realidade se apresenta sob um duplo aspecto: um de carácter geral (*palavra*), outro, específico (*chave*) (...)” (Rocha 1999: 24)

Também Villalva (1994) discorda da definição dos nomes compostos com base numa noção de ideia única: “Na verdade, o conceito de ‘ideia única e autónoma’ não permite identificar, com rigor, nenhuma unidade gramatical, dado que é, em si próprio, passível de múltiplas interpretações.” (Villalva 1994: 341).

Pelas razões acima apresentadas, estes autores tentam criar uma nova definição que seja mais completa. Eles propõem novas delimitações das N1N2 e critérios que permitam distinguir tais compostos de expressões sintáticas (ou locuções nominais livres).

Mário Vilela (1994) sugere uma definição de natureza semântica e distingue os compostos por coordenação (cf. *peixe-espada*) e os compostos por subordinação (cf. *compositor-intérprete*).

O ponto de vista de Alina Villalva é de natureza formal, quer dizer, sintáctica. Villalva (1994) introduz o conceito de compostos morfológicos (cf. *antropologia*) e sintáticos (cf. *bomba-relógio*; *peixe-espada*) que define como “palavras que integram expressões sintáticas (Villalva 1994: 377). Afirma que os compostos sintáticos têm uma estrutura

<sup>3</sup> “(…) o determinante e o determinado desaparecem para ceder lugar a uma imagem única.”

<sup>4</sup> “A definição através da ideia única é muito difícil de considerar, mesmo no caso dos nomes simples, quer dizer daqueles que não contêm o espaço branco.”

sintáctica e descreve duas categorias dentro dos ditos compostos sintácticos: os compostos por adjunção (cf. *bomba-relógio*) e os compostos por conjunção (cf. *saia-casaco*).

Gaston Gross (1988) controverte com a distinção entre palavras compostas e grupos nominais livres. Fala em expressões fixas e introduz a noção de grau de fixidez (*degré de figement*) que exprime a medida de dependência entre N1 e N2. Apresenta ainda testes – nomeadamente sintácticos – que permitem determinar o grau de fixidez das N1N2.

Jorge Emanuel Baptista (1994), por sua vez, observa os compostos sob ponto de vista do processamento automático. Segue a teoria de Gaston Gross e estabelece uma série de testes para determinar o grau de fixidez entre N1 e N2 no caso do português.

Michèle Noailly (1990) também se afasta da distinção entre os compostos e os grupos nominais livres. Supõe que todos os nomes em posição N2 têm um comportamento de epíteto e chama *substantivo epíteto* (*substantif épithète*) ao nome em posição de N2. O que mais lhe interessa, é a relação de natureza semântica e sintáctica entre as expressões em posições N1 e N2 que estabelece a partir das paráfrases diversas. Segundo o tipo desta relação, Noailly propõe quatro categorias: a qualificação, a coordenação, a complementação e a identificação.

Para que o nosso sumário de diferentes abordagens de estruturas N1N2 fique completo, temos que mencionar a concepção da conversão (Correia), ou derivação imprópria (Cunha – Cintra) que observa as sequências N1N2 sob ponto de vista dinâmico – estuda a passagem do nome em posição N2 da classe dos substantivos para a classe dos adjetivos.

Margarita Correia (1999) limita a conversão ao resultado do processo, o que quer dizer que a expressão convertida deve respeitar as regras sintácticas, morfológicas e semânticas da nova categoria. Enquanto Jaromír Tláškal (2000) fala do processo de transposição e distingue as fases cumprida, não cumprida e bloqueada. Assim sendo, sugere a observação das expressões sob ponto de vista morfossintáctico, sintáctico e da enunciação para poder determinar em que fase se encontra a expressão em posição de N2.

## **2.2 Formação do plural das estruturas N1N2**

*Palavras-chave* ou *palavras-chaves*; *estados-membros* ou *experiências-piloto*? Se estudarmos as expressões N1N2 extraídas do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC; versão electrónica), damos-nos conta da diversidade particularmente interessante quanto à realização do plural destas expressões. Há compostos com a marca de plural no primeiro termo, cf. *idades-fantasma*, e com o plural nos dois termos, cf. *estados-membros*.

Os autores acima mencionados observam também este fenómeno e provam que as regras de formação do plural são muitas vezes inconsistentes.

Por exemplo a Breve Gramática do Português Contemporâneo de Cunha – Cintra (2002) fornece a regra seguinte:

“(…) só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico: *navio-escola* – *navios-escola* / *salário-família* – *salários-família* / *banana-prata* – *bananas-prata* / *manga-espada* – *mangas-espada* (...)” (Cunha – Cintra 2002: 141) E no mesmo texto encontramos: “(...) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é consti-

tuído de dois substantivos (...) *carta-bilhete* – *cartas-bilhetes* / *tenente-coronel* – *tenentes-coronéis* / *água-marinha* – *águas-marinhas* / *vitória-régia* – *vitórias-régias*.” (Cunha – Cintra 2002: 141)

O CRPC, porém, atesta casos como *navios-escolas* ou *estados-membros* onde percebe-mos o segundo termo da composição como determinante específico.

Rocha (1999) confirma a nossa observação sobre a diversidade quanto à formação do plural das N1N2: “O estudo da flexão dos nomes compostos não tem sido tarefa fácil porque os critérios capazes de dar conta das regras de formação do plural nem sempre são consistentes, nem impedem a diversidade dos fenómenos encontrados. (...) Essa diversidade traduz hesitação na flexão daqueles nomes, por parte do falante da língua materna, descrita e estudada pelo lexicógrafo e pelo linguista. Consequentemente, nos *corpora* analisados, na literatura de especialidade, (...) aquela discrepância é notável e indiscutível.” (Rocha 1999: 165)

Em relação à regra de Cunha – Cintra, Rocha acrescenta que há casos em que não é fácil identificar o elemento determinado e que há casos em que a regra deixa de ter validade (Rocha 1999).

Baptista (1994) declara que na maior parte dos compostos observados apenas o primeiro nome recebe a marca de plural, enquanto o segundo nome permanece invariável. No entanto, logo comprova que, na realidade, a situação não é tão simples: “Em suma, tal como para os compostos de outras classes não é possível prever, a partir dos elementos que formam os nomes compostos NN, se estes admitem ou não variação em número ou qual o modelo de flexão que seguem. As regras gerais de flexão enunciadas pelas gramáticas mostram-se desadequadas para dar conta da diversidade de fenómenos observados. A descrição da variação em número dos nomes compostos tem, portanto, de ser feita *caso a caso*.” (Baptista 1994: 77)

Vilela, por sua vez, afirma que só o primeiro nome recebe a marca do plural: “(...) estes lexemas, funcionando como segundo constituinte dos compostos, não tomam a marca da pluralidade (*turmas-piloto, guerras-relâmpago, indústrias-chave*) (...)” (Vilela 1994: 96)

Este autor não fala da formação do plural dos compostos coordenativos, mas a relação entre os constituintes permite deduzir que ambos constituintes deverão tomar a marca da pluralidade. (Vilela 1994: 96). Mais uma vez encontramos no CRPC tais casos que não correspondem à regra proposta (cf. *sectores chaves; rádios piratas*).

### 3. Análise das sequências N1N2 no plural

Atraídos pela situação acima apresentada, decidimos observar a flexão das sequências N1N2 no Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) e verificámos que a realização do plural se apresenta como bastante irregular. Por esta razão, estudar-se-ão no texto a seguir, duma maneira descritiva, as expressões N1N2 a partir dos dados do CRPC.

Utilizámos a versão acessível na Internet:

([http://alfclul.clul.ul.pt/CQPnet/crpcv30/redirect.php?redirect=newQuery&pageNo=1&flTable=\\_\\_entire\\_corpus&flAtt=lemma&flFilterType=end&flFilterString=fantasma&pp=50&flOrder=desc&uT=y](http://alfclul.clul.ul.pt/CQPnet/crpcv30/redirect.php?redirect=newQuery&pageNo=1&flTable=__entire_corpus&flAtt=lemma&flFilterType=end&flFilterString=fantasma&pp=50&flOrder=desc&uT=y)).

Considerámos todas as variedades da língua portuguesa, ou seja, incluímos na análise as expressões provenientes de diferentes países de língua portuguesa.<sup>5</sup>

Estudámos, no total, 20 expressões que podem ocorrer em posição de N2 (ordem alfabética):

*berço, chave, choque, espada, fantasma, irmão, limite, luz, maratona, membro, modelo, padrão, piloto, pirata, quadro, relâmpago, sede, símbolo, surpresa, vedeta*. Estas expressões foram escolhidas porque foram consideradas capazes de entrar em composição com bastantes N1 (cf. *chave, limite, piloto*) ou porque representam exemplos notórios (cf. *espada, membro*). Sendo a escolha dos N2 assim definida, a maioria das estruturas N1N2 obtidas correspondem aos compostos por adjunção segundo Villalva (1994) ou às estruturas de qualificação no conceito de Michèle Noailly (1990).

Propositadamente, excluímos da análise as formas de tipo *saia-casaco; carruagem-cama; raios X*. Estas expressões podem ser sujeitas a uma futura análise.

### 3.1 Singular ou plural?

Para termos a certeza de analisar um fenómeno relevante, primeiro tentámos verificar se as expressões N1N2 plurais representam uma parte importante dentro de todas as estruturas N1N2.

No seu trabalho Rocha constata: “As sequências NN flexionadas no plural representam uma parte menor, relativamente ao total de sequências NN encontradas – aproximadamente um quarto (24%). Este resultado, indicando maior frequência de uso do singular em detrimento do plural, é significativo, na medida em que poderá traduzir: (...)” (Rocha 1999: 170)

Para confirmar esta teoria, analisámos todas as expressões recolhidas do CRPC.

Fig. 1 representa a situação quanto ao número de expressões N1N2 no singular e no plural, enquanto a Fig. 2 representa a mesma situação quanto à frequência do singular e do plural.

Dado os resultados obtidos, temos que discordar da conclusão de Rocha (1999). As sequências N1N2 flexionadas no plural representam mais de 40% das sequências encontradas seja do ponto de vista do número das expressões, seja do ponto de vista da frequência.

Baseando-nos nesta análise, podemos concluir que as sequências N1N2 flexionadas no plural têm o mesmo peso relativamente ao total de sequências N1N2 encontradas. O estudo destas sequências mostra-se, então, mais do que relevante.

---

<sup>5</sup> A pesquisa no CRPC foi efectuada da seguinte maneira:

Para identificar as expressões com hífen:

Menu › Corpus queries › Frequency list › View a list based on “lemma” › Filter the list by *pattern* › show only words/tags ending with “N2” (por exemplo *chave* e *chaves*).

Para identificar as expressões sem hífen:

Menu › Standard query › \*\_CN {N2}\_CN (por exemplo \*\_CN {*chave*}\_CN).

Todas as expressões encontradas foram estudadas no seu contexto para excluirmos da análise as expressões que não lhe pertencem.

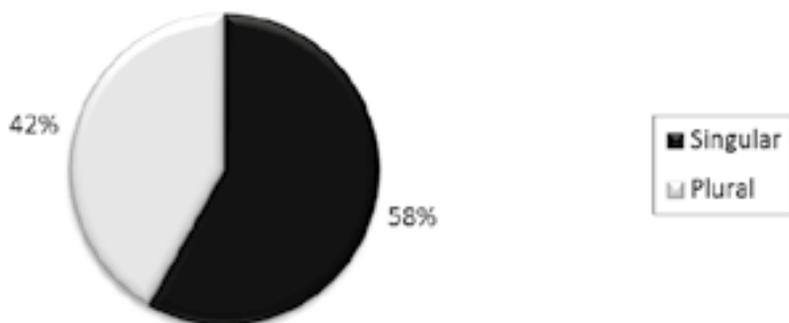


Fig. 1

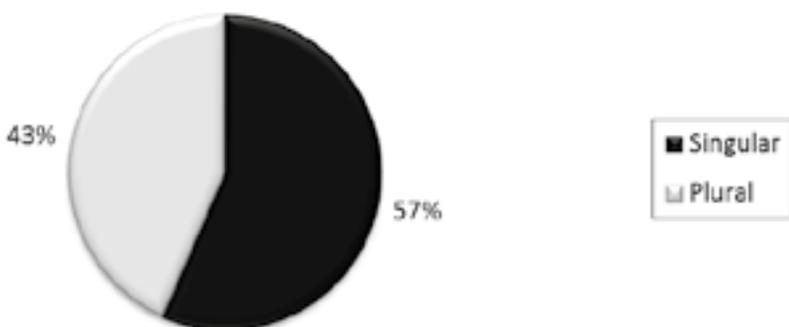


Fig. 2

### 3.2 Com hífen ou sem hífen?

As sequências N1N2 não apresentam uma diversidade só quanto à flexão, mas também quanto ao uso do hífen. O Acordo Ortográfico actual, acessível na Internet ([www.portaldalinguaportuguesa.org](http://www.portaldalinguaportuguesa.org)), diz a propósito do uso do hífen o seguinte: “Empregase o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento estar reduzido: *ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto (...)*”<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Referimo-nos nomeadamente ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 que está em vigor desde 2009. Embora não haja diferenças relevantes quanto ao uso do hífen no nosso tipo de estruturas entre os Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa de 1945 e de 1990, convém mencionar que algumas das expressões recolhidas podem advir de textos anteriores a 1990.

Na análise dos dados extraídos do CRPC verifica-se porém que há sequências N1N2 que surgem ora com hífen, ora sem hífen (cf. *palavras-chave*; *anos-luz*; *viagens-fantasma*; *situações-limite*; *sectores chaves*; *anos-luz*; *viagens fantasmas*; *valores limites*).

Para decidir se os compostos sem hífen devem fazer parte da análise, quantificamos o uso de hífen da seguinte maneira:

Quantificação sob ponto de vista do número das expressões N1 que entram na composição, ou seja, quantificamos as expressões únicas N1N2 no plural sem e com hífen. (Cf. Fig. 3)

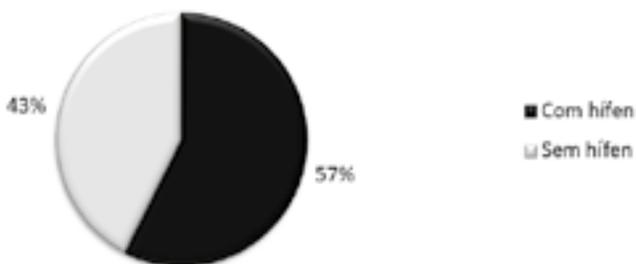


Fig. 3

Quantificação sob ponto de vista de frequência de todas as expressões grafadas com e sem hífen. (Cf. Fig. 4a).

Fig. 4b mostra a frequência das N1N2 com ou sem hífen quanto às expressões no plural.

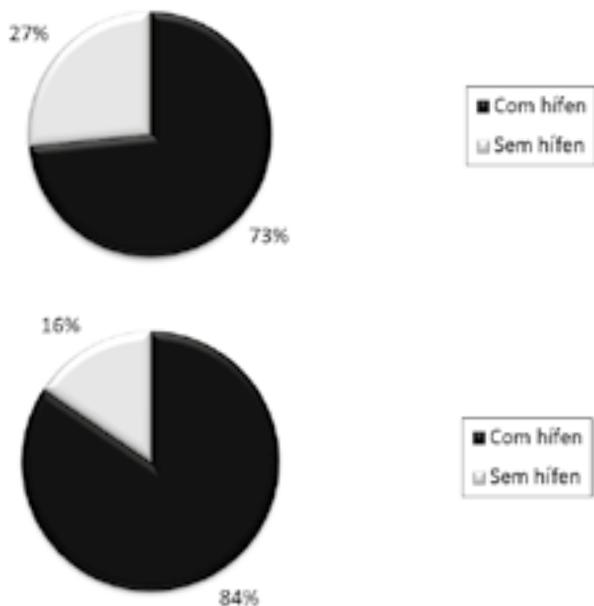


Fig. 4

Conclusão dos dados acima apresentados: quanto ao número das expressões N1N2 no plural, não há uma diferença importante entre as sequências grafadas com e sem hífen. No entanto, podemos constatar que as estruturas N1N2 sem hífen se usam no plural com uma frequência muito menor do que as expressões com hífen. Apesar deste facto, decidimos incluí-las na análise, porque o número destas expressões se mostra importante. Temos em conta que é provável, dada a sua baixa frequência, que as expressões sem hífen apareçam duma maneira mais ou menos ocasional.

### 3.3 Formação do plural

Como já se disse, há casos em que o corpus atesta a recepção da marca do plural só pelo primeiro membro (N1) da estrutura N1N2 deixando o segundo invariável (cf. *viagens-fantasma*; *situações-limite*; *projectos-piloto*; *idades-sede*; *visitas-surpresa*), mas também os há em que tal marca se verifica em ambos os nomes constituintes (N1 e N2) (cf. *estados-membros*; *rádios piratas*; *áreas pilotos*; *povos irmãos* ou *localidades sedes*).

Da análise do número de entradas únicas parece que a formação do plural corresponde à presença do hífen. As sequências grafadas com hífen têm tendência a receber o plural só no primeiro membro, enquanto no caso das sequências grafadas sem hífen, flexionam os dois nomes constituintes. Fig. 5 representa a tendência relativamente ao número das entradas encontradas.

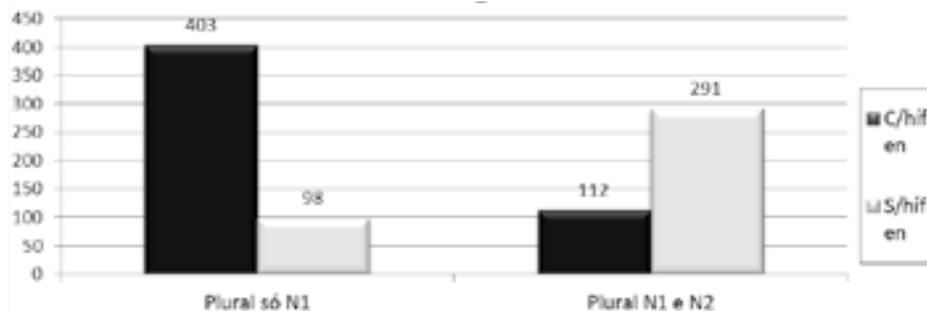


Fig. 5

Como se pode ver no gráfico acima apresentado, há uma tendência nítida: se houver o hífen, só o nome em posição de N1 receberá a marca do plural. E vice-versa: se o hífen faltar, os dois nomes, N1 e N2, serão flexionados.

Da mesma análise pode concluir-se que o número das expressões (das entradas únicas) com a marca do plural no primeiro constituinte é quase igual ao número das expressões com a marca do plural nos dois constituintes. Verifica-se assim a afirmação de Rocha: “(...) verificando-se que nos compostos inseridos em qualificação, mais da metade apresenta flexão nos dois termos. (...)” (Rocha 1999: 171)

Porém, a situação torna-se mais complicada ao considerar não só o número das entradas encontradas, quer dizer o número das expressões N1N2 únicas, mas também a frequência da ocorrência destas expressões. Já na análise da frequência das expressões grafadas com hífen e sem hífen notámos, que o número das entradas únicas encontradas não reflecte o aspecto da frequência.

Por isso, não nos contentámos com o resultado baseado na relação da presença ou ausência do hífen. Desistimos da distinção entre as entradas encontradas com e sem hífen. Em seguida analisámos todos os casos atestados pelo CRPC do ponto de vista de frequência com as restrições impostas por casos-limite e casos irrelevantes que definimos assim:

- I. O CRPC atesta as expressões N1N2 que não se encontram no plural. Trata-se das expressões cujo nome em posição de N2 é *berço*. Este facto pode explicar-se pela semântica destas expressões. A palavra *berço* significa, nas expressões N1N2, uma origem, um lugar único. Parece então evidente que não poderemos encontrar tais sequências N1N2 no plural.
- II. A expressão *irmão* surge flexionada não só no plural mas também no feminino (*povos irmãos; cidades-irmãs*). Nas sequências que contêm esta expressão em posição de N2, a maioria dos casos recebem a marca do plural em ambos os nomes constituintes. Acresce que, neste caso, o nome N2 flexiona também em género. Da mesma forma, o nome *membro*, sendo o segundo elemento da sequência N1N2, recebe em quase todos os casos a marca do plural, ou seja, ambos constituintes a recebem.
- III. Pelo contrário, o CRPC quase não atesta o substantivo *luz* em posição de N2 com a marca do plural. A maioria das expressões *N1(-)luz* no plural aparece com a marca do plural no primeiro membro. A mesma situação nota-se no caso do N2 = *maratona*, mas nestes casos temos que mencionar que a frequência destas expressões é tão baixa que considerámos os resultados irrelevantes.
- IV. Casos irrelevantes, ou seja as expressões duma frequência demasiado baixa (cf. N2 = *espada; símbolo; vedeta*).

Deixando de lado os casos acima definidos, podemos comparar as expressões atestadas pelo CRPC do ponto de vista da realização do plural. Tomam-se as três sequências N1N2 mais frequentes de cada grupo (primeiro grupo: só o primeiro constituinte recebe a marca do plural; segundo grupo: os dois constituintes recebem a marca do plural) e compara-se a frequência da ocorrência das expressões assim seleccionadas. Este processo descobre uma tendência nítida e interessante: ao contrário do resultado obtido a partir da observação do número das expressões fornecidas pelo CRPC, a frequência dos casos em que só o primeiro constituinte recebe a marca do plural é mais elevada do que a frequência do segundo caso.

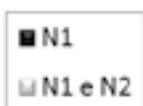
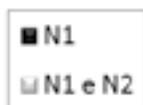
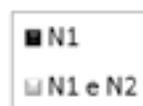
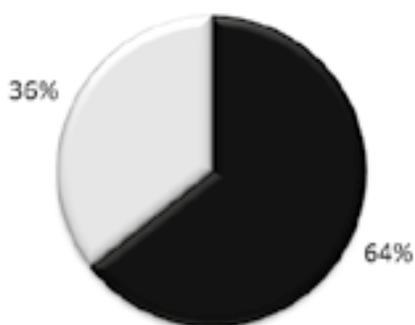
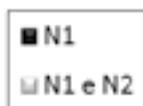
A parte seguinte apresenta os exemplos seleccionados para ilustrarmos a situação:<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Nos gráficos:

N1: só o primeiro constituinte recebe a marca do plural.

N1e N2: os dois constituintes recebem a marca do plural.



Os exemplos acima apresentados mostram que as expressões N1N2 com a marca do plural só no primeiro constituinte ocorrem na língua com uma frequência maior do que as expressões (constituídas pelos mesmos N1 e N2) em que ambos os constituintes recebem a marca do plural. Esta situação mostra o CRPC como comprovando que, na língua, são mais frequentes as expressões que flexionam só no primeiro termo da estrutura N1N2.

Considerando a frequência da ocorrência das expressões, a nossa conclusão é então contrária à conclusão tirada por Rocha, que só considera o número das expressões encontradas sem dar conta da frequência destas expressões: “Como se viu, há oscilação entre a flexão num ou nos dois termos. (...) Preconiza-se o plural nos dois termos, sempre que a relação sentido-forma o permite.” (Rocha 1999: 176)

#### 4. Resumo

O objectivo do presente trabalho consistiu na observação do comportamento das estruturas N1N2 atestado pelo Corpus de Referência do Português Contemporâneo.

Na primeira parte apresentámos diferentes conceitos quanto ao tratamento, definição e classificação destas estruturas.

Na segunda parte tentámos demonstrar de que maneira se revela eficaz o uso dum corpus linguístico. Especificamente, observámos o comportamento das estruturas N1N2 seleccionadas no plural. Vimos que se mostra necessário considerar não só o número das expressões recolhidas mas também a frequência da ocorrência das expressões seleccionadas: a análise comprovou que são, no português, mais frequentes aquelas expressões N1N2 plurais em que só o primeiro constituinte recebe a marca do plural.<sup>8</sup>

Apesar de estarmos conscientes que a nossa análise é limitada pelo número das expressões estudadas, achámos que o nosso trabalho comprova que só o uso dum corpus linguístico evidencia a diversidade dum fenómeno linguístico. No nosso caso o corpus evidenciou a oscilação na formação do plural das estruturas N1N2 e permitiu observar as diferentes tendências.<sup>9</sup>

---

#### BIBLIOGRAFIA

- Baptista, J. M. E. (1994): *Estabelecimento e formalização de classes de nomes compostos*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Casteleiro, J. M. (1981): *Sintaxe transformacional do adjetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Correia, M. (2002): A Conversão em Português, com particular incidência na construção de substantivos deadjectivais. In: I. M. Duarte – J. Barbosa – S. Matos – T. Hüsgen (eds.), *Actas do Encontro comemorativo*.

---

<sup>8</sup> Referimo-nos sempre ao tipo das estruturas N1N2 bem delimitado acima.

<sup>9</sup> Uma análise detalhada da formação do plural das estruturas N1N2 não representa o objectivo do nosso estudo mas, dada a sua complexidade, pode ser sujeita a um futuro trabalho.

- rativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Correia, M. (1999): *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Costa, M. M. (1999): Compostos nominais novos [N N] em Português. In: A. C. M. Lopes – C. Martins (eds.), *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. I. Braga: Associação Portuguesa de Linguística.
- Cunha, C. – Cintra, L. (2002): *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Darmesteter, A. (1894): *Traité de la formation des mots composés dans la langue française comparée aux autres langues romanes et au latin*. Paris: Émile Bouillon, Éditeur.
- Gross, G. (1988): Degré de figement des noms composés. *Languages*, 1988, núm. 90, pp. 57–72.
- Gross, G. (1990): Définition des noms composés dans un lexique-grammaire. *Langue Française*, 1990, núm. 87, pp. 84–97.
- Noailly, M. (1990): *Le substantif épithète*. Paris: P.U.F.
- Rocha, R. M. V. C. M. (1999): *Contribuição para o estudo da composição nominal em Português – As sequências NN (nome+nome)*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Said Ali, M. (1964): *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Tláškal, J. (2000): *La transposition en français contemporain – contribution à l'étude du problème*. Praha: Univerzita Karlova.
- Vilela, M. (1994): *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Villalva, A. (1994): *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do Português*. Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Acordo ortográfico: [www.portaldalinguaportuguesa.org](http://www.portaldalinguaportuguesa.org)
- Corpus de Referência do Português Contemporâneo: [http://alfclul.clul.ul.pt/CQPnet/crpcv30/redirect.php?redirect=newQuery&pageNo=1&flTable=\\_\\_entire\\_corpus&flAtt=lemma&flFilterType=end&flFilterString=fantasma&pp=50&flOrder=desc&uT=y](http://alfclul.clul.ul.pt/CQPnet/crpcv30/redirect.php?redirect=newQuery&pageNo=1&flTable=__entire_corpus&flAtt=lemma&flFilterType=end&flFilterString=fantasma&pp=50&flOrder=desc&uT=y)

*Jitka Froydová*  
*Instituto de Estudos Românicos*  
*Universidade Carolina de Praga*  
*nám. Jana Palacha 2, 116 38 Praha 1*  
*jitka.froydova@seznam.cz*